

A organização composicional da tira em quadrinhos

Natália Gonçalves **MOTERANI** *

Universidade Estadual de Maringá

Renilson José **MENEGASSI** **

Universidade Estadual de Maringá

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar como o trabalho com a organização composicional do gênero discursivo tira em quadrinhos ocorre em uma das oficinas produzidas para a elaboração de uma Sequência Didática (SD) destinada à oitava série do Ensino Fundamental. Para tanto, como suporte teórico, utilizamos os pressupostos de Bakhtin e seu Círculo, no que diz respeito aos estudos sobre interação e escrita e gêneros discursivos, e de Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004), no que concerne à produção de uma SD. Com relação às tiras em quadrinhos, para que o aprendizado se efetive, os resultados mostram que: a) é preciso fazer com que o aluno perceba que ele está lidando com uma narração, a qual, diferentemente de outros textos, utiliza recursos peculiares como a linguagem visual atrelada à verbal; b) a narrativa se dá por uma sequência cronológica, a qual é marcada pela divisão vertical dos quadrinhos que compõem as tirinhas; c) os balões, com seus diversos contornos, marcam a expressividade dos personagens, isto é, apresentam a linguagem verbal de uma

* Pós-graduanda pela Universidade Estadual de Maringá, participa do Grupo de Pesquisa “Interação e Escrita”; desenvolve pesquisas na área de Linguística. Contato: nati_moterani@hotmail.com.

** Professor Associado da UEM, do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras; doutor em Letras, líder do Grupo de Pesquisa Interação e Escrita (UEM/CNPq), bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Araucária. Contato: renilson@wnet.com.br.

tirinha; d) as onomatopéias, recursos sonoros utilizados nos quadrinhos, indicam movimento e dão mais vida à ação da narrativa; e) o discurso predominante nas tiras em quadrinhos é o diálogo entre os personagens.

Palavras-chave: Gênero discursivo; Tira em quadrinhos; Organização composicional.

Abstract: This article has the objective of presenting how the work with the structural organization of the genre comic strips occurs in one of the modules produced for the design of a didactic sequence aimed to the eighth grade at elementary school. Thus, as theoretical foundation, this work used Bakhtin and his Circle studies, which refer to interaction, writing and discursive genre, and Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004), who focus on the production of didactic sequences. In order to achieve more effective learning, the results of the study with comic strips show that: a) it is necessary to make the student perceive that s/he is dealing with a narration, which, differently from other texts, uses peculiar devices like the visual language linked with the verbal one; b) the narrative occurs through a chronological sequence that is characterized by the vertical division of the squares, which is part of the composition of the strips; c) the balloons, with their several frames, indicate the characters' expressivity, that is, they show the verbal language of a comic strip; d) the onomatopoeias, which are sound devices used in the strips, present the movement and give more life to the narrative action; e) the main discourse in the comic strips is the dialogue between the characters.

Key-words: Discursive genre; Comic strips, Structural organization.

1 Considerações Iniciais

Por conhecer o trabalho inovador proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), por ter como base os pressupostos teóricos de Bakhtin e seu Círculo e por saber que a apropriação de um gênero discursivo por parte do aluno vai

além de uma aula de leitura, julgamos necessário que o trabalho com este envolva as três características propostas por Bakhtin (2003), ou seja, tema, estilo e estrutura, os quais estão indissolivelmente ligados. Com relação a isso, propomos o trabalho com as Sequências Didáticas, as quais abarcam os três elementos que compõem os gêneros discursivos.

Assim, este artigo tem por objetivo apresentar como o trabalho com a abordagem da construção composicional do gênero tira em quadrinhos ocorre. Para tanto, apresentamos e descrevemos uma das oficinas produzidas para a elaboração de uma Sequência Didática, a qual aborda os elementos que compõem a estrutura do gênero discursivo em questão. A pesquisa foi desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa Interação e Escrita (UEM/CNPq).¹

2 Interação e Gêneros Discursivos

Segundo Bakhtin/Volochinov (1992, p. 90), “a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta” e, ao partirmos desse pressuposto, é indispensável conceber a língua como um fator social, uma vez que, ao relacionarmos interação e comunicação, temos que considerar o papel do ouvinte, o qual Bakhtin convencionou chamar de outro, que é, na verdade, o interlocutor desse processo de comunicação.

Fora de um conceito tradicional que estabelece a comunicação entre locutor e ouvinte passivo, o outro é peça fundamental para que se estabeleça um diálogo, pois, inserido em um elo comunicativo e ao compreender o sentido do discurso proferido por outrem, ocupa uma atitude responsiva diante de tal situação, a qual se efetiva tanto na fala, quanto na escrita. Para Bakhtin (2003, p. 271),

¹ Para maiores informações, acessar <<http://www.escrita.uem.br/>>.

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante.

Nesse movimento comunicativo, o ouvinte se torna falante, já que, no cerne do discurso vivo, “toda compreensão é prenhe de resposta” (BAKHTIN, 2003, p. 271). Assim, estabelecidos os laços da interação verbal entre dois indivíduos, temos o produto desse processo: a enunciação dialógica, pois, o sujeito não só espera a resposta do outro, como também, constrói o seu processo interno da palavra por meio da palavra do outro. É por isso que, para Bakhtin/Volochinov (1992, p. 113), “toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém [...] Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”.²

Diante de manifestações de responsividade, Bakhtin/Volochinov (1992) consideram elementos que envolvem o contexto extraverbal como fator intrínseco para que isso ocorra, sendo eles:

- 1) o horizonte espacial comum dos interlocutores;
- 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores;
- 3) sua avaliação comum dessa situação.

Essa perspectiva nos mostra que o fator social e a consideração do outro estão indissolivelmente ligados à língua, ou, para sermos mais exatos, à sua aquisição no que concerne à

² Grifos dos autores.

fala e escrita. Portanto, amparados em Bakhtin e seu Círculo, tudo o que descrevemos mostra que o ensino de línguas deve abordar o contexto sócio-histórico do aluno e não deixar de lado a presença de um interlocutor, ou seja, o outro como peça fundamental para a concretização do discurso, levando em consideração a troca de informações, de cultura para a construção de um sentido para o texto em Língua Materna. Para que isso aconteça, é necessária a utilização de enunciados concretos, que se apresentam em forma de gêneros discursivos.

Nesse sentido, no cerne da vivência, deparamos-nos com inúmeras esferas sociais (educacional, religiosa, jurídica, midiática, familiar etc.), circundadas de ideologias, costumes e culturas, onde os indivíduos precisam assumir diferentes papéis. Com relação a isso, Bakhtin (2003, p. 261) afirma que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Inseridos em situações sociais, os enunciados são construtos concretos que trazem à tona a expressividade da língua em essência e sua diversidade está categorizada nos gêneros do discurso. Sob essa ótica, revela Bakhtin (2003, p. 262):

[...] a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

A respeito disso, Marcuschi (2005, p. 19) comenta que os gêneros do discurso são “altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas”, é por esse motivo que eles, relativamente estáveis, apresentam três elementos que estão interligados no todo do enunciado: conteúdo temático, estilo de linguagem e organização composicional (BAKHTIN, 2003).

O conteúdo temático não é o assunto em si, mas abrange as diferentes atribuições de sentidos e seus recortes possíveis para um dado gênero do discurso. Fiorin (2006), respaldado nos estudos de Bakhtin, explica essa característica, dando um exemplo sobre as cartas de amor, as quais apresentam o conteúdo temático das relações amorosas, porém, cada uma delas trata de um aspecto específico, com um recorte temático determinado.

Indissolavelmente ligado a ele, está o estilo do gênero do discurso, caracterizado pela escolha de recursos linguísticos (fraseológicos, gramaticais e lexicais), os quais são utilizados pelo falante para atingir determinado ouvinte e obter uma resposta. Nesse âmbito, Bakhtin (2003, p. 266) revela:

[...] no fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos.

Quanto à organização composicional, podemos dizer que se trata da estruturação do texto, ou o modo como ele é organizado na sociedade, como é visivelmente reconhecido. Fiorin (2006) ilustra esse tópico com o exemplo do gênero carta, apontando que reconhecemos de longe uma delas, já que possui peculiaridades em sua estrutura composicional, ou seja, local e data, saudação, conteúdo, despedida e assinatura.

Dessa forma, ao levarmos determinado texto para sala de aula, temos que nos preocupar em abarcar essas três peculiaridades dos gêneros discursivos apontadas por Bakhtin (2003). Além disso, se optar por esse trabalho, é preciso que o professor verifique o nível de cognição e o contexto social dos alunos, a fim de aproximá-los a uma situação mais real de aprendizado, pois, segundo Cristovão (2005, p. 158), “é pela análise do contexto que se determina o gênero a ser trabalhado, as capacidades de linguagem que os alunos já dominam e aquelas que precisam ser aprendidas”.

Para apoiar essa ideia, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem conteúdos que tenham como finalidade o uso da linguagem na comunicação, os quais envolvam conhecimento sistêmico, de mundo e de organização textual e construção social dos significados na compreensão e produção escrita e oral (BRASIL, 1998). Nesse sentido, a proposta busca familiarizar os alunos aos textos que fazem parte de seu cotidiano, ressaltando o conhecimento de mundo e, conseqüentemente, a construção de sentidos em detrimento de um ensino que privilegia apenas o conhecimento sistêmico da língua.

Como percebemos, as propostas para o ensino de línguas permeiam a teoria bakhtiniana de comunicação, evidenciando o trabalho com os gêneros do discurso, a fim de que o aprendiz tenha uma finalidade social, já que é nesse e para esse contexto que o aluno deve estar preparado, ou o ensino será visto como algo isolado da vida cotidiana.

3 O Gênero Discursivo Tira em Quadrinhos

As tiras em quadrinhos representam um meio de comunicação de massa, pois, de acordo com Rama et al. (2004, p. 7), “as publicações do gênero circulam com uma enorme variedade de títulos e tiragens de milhares ou, às vezes, até mesmo milhões de exemplares, avidamente adquiridos e consumidos por um público fiel, sempre ansioso por novidades”. Essa popularidade se justifica pela composição desse gênero discursivo, isto é, os quadrinhos, na maioria das vezes, são compostos por dois códigos, o verbal e o visual, os quais estão em constante interação e garantem que a mensagem transmitida por eles seja entendida em plenitude (RAMA et al., 2004).

Assim, as tiras em quadrinhos se caracterizam por serem histórias narradas em sequência de pequenos quadros e, de acordo com o dicionário Miniaurélio (2008, p. 777), esse gênero discursivo se define por ser “cada faixa ger. horizontal de uma história em quadrinhos”. Desse modo, segundo Rama et al. (2004), as tirinhas geralmente se constituem de linguagem visual, plano e ângulos de

visão, protagonista e personagens secundários, figuras cinéticas, metáforas visuais, linguagem verbal, balão de fala, legenda e onomatopeias, que determinam sua organização composicional.

Outro fator a ser considerado sobre as tiras em quadrinhos é que se enquadram dentre os gêneros da ordem do narrar e circulam na esfera midiática, isto é, em jornais, revistas e internet.

No que diz respeito à sua temática, as tiras em quadrinhos permeiam os mais diversos temas, os quais são identificáveis desde histórias de super-heróis, até o contexto político e econômico mundial. Desse modo, afirmamos que a escolha de um tema depende da finalidade e dos objetivos que o autor das tiras em quadrinhos quer alcançar, bem como, do público-alvo que atingem.

Estruturalmente, em geral, as tirinhas são divididas horizontalmente em um número limitado de quadrinhos; são compostas de balões, os quais representam a fala, o pensamento, enfim, a expressão dos personagens, de linguagem visual e de legenda, a qual normalmente apresenta a fala do narrador. Quanto à estilística, a linguagem informal, com marcas coloquiais, é muito recorrente. Algumas tirinhas usam do artifício de serem coloridas e terem cenário, o que chama mais a atenção e ajuda os leitores a visualizarem com facilidade a situação.

Dessa forma, de maneira geral, não podemos delimitar interlocutores e nem finalidades para as tiras em quadrinhos, pois, como podemos perceber, eles dependerão do propósito do autor. É possível, contudo, pensarmos num interlocutor virtual em função de seu veículo de circulação. Consequentemente, o papel social, ou seja, a posição que o autor e o leitor assumem ao criar e ler os quadrinhos respectivamente não poderá ser especificado, visto que também dependerá desses fatores.

Portanto, as tiras em quadrinhos podem ser utilizadas em sala de aula e em qualquer nível de ensino, pois são inúmeros os temas e as finalidades delineados por diferentes estilos linguísticos. Além disso, esse gênero discursivo é de fácil acesso e chama a atenção de muitos leitores de diversas idades, visto que o visual e o verbal, em um jogo interativo, são ótimos recursos para que se desperte a autonomia, o lado crítico do aluno e, conseqüentemente, o domínio da Língua Portuguesa.

4 A Sequência Didática como Ferramenta de Ensino

A fim de sociabilizar o ensino da língua materna e centrar-se de fato nas dimensões textuais, isto é, repensar o texto como instrumento de ensino, a ferramenta Sequência Didática (SD) tem sido uma das opções para alcançar esses propósitos. Nesse sentido, idealizada pelo Grupo de Genebra, o qual se constitui de pesquisadores como Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz, A. Pasquier e Sylvie Haller, e ancorada nos pressupostos do interacionismo sociodiscursivo, a SD tem os objetivos de “criar contextos de produção precisos” e “efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 96), pois, dessa forma, os alunos desenvolvem capacidades no que tange à oralidade e à escrita, exigidas nas diversas situações comunicativas.

Ao apresentarmos a finalidade de uma SD, conseqüentemente, estamos falando do trabalho com os gêneros discursivos, uma vez que são eles que encaminham o aluno aos diferentes contextos vivenciais, onde a comunicação é requerida. Assim, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), a Sequência Didática é “um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Com relação a isso, a elaboração de uma SD se dá por meio de fases.

Anteriormente à produção do material que será utilizado em sala de aula, elabora-se um Modelo Didático de Gênero, o qual proporciona um espaço para a definição do gênero discursivo que será trabalhado, a seleção dos textos que atendem às necessidades dos alunos, a pesquisa sobre o que os especialistas dizem sobre dado gênero e a análise da finalidade, do contexto de produção, da construção interna, dos mecanismos de textualização e dos aspectos enunciativos dos textos escolhidos. Por essas razões, o Modelo Didático é um apanhado prévio das peculiaridades do gênero discursivo, o qual será trabalhado posteriormente nas oficinas do material didático, isto é, “uma espécie de estudo e pesquisa sobre o gênero, o qual apontará os elementos ensináveis que poderão

ser objetos de ensino-aprendizagem dentro de uma situação de comunicação específica” (HILA; NASCIMENTO, 2009).

Desse modo, a segunda fase é nomeada de apresentação da situação, na qual os alunos recebem informações sobre a atividade de cunho oral ou escrito que realizarão previamente ao contato com o material didático, ou seja, é o momento em que os alunos desenvolvem a primeira produção. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98), essa etapa “permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma”. Além da percepção do professor quanto às necessidades dos alunos, a apresentação da situação também propicia o primeiro contato com o gênero discursivo, o que aguça o interesse desses à reflexão das capacidades que ainda precisam dominar.

Posteriormente a esse diagnóstico, passa-se à etapa da produção dos módulos ou oficinas, ou seja, do material didático. Nesse momento, são elaboradas várias atividades que abarcam os domínios do gênero discursivo e as dificuldades apresentadas na primeira produção. Assim, os exercícios das oficinas envolvem as capacidades de ação, discursivas e linguístico-discursivas (BRONCKART, 2006) concernentes ao gênero escolhido, o que Bakhtin (2003) delineou como conteúdo temático, organização composicional e estilo, respectivamente.

Por fim, a última etapa é a da produção final, com a qual “o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98), isto é, essa fase mostra o que o aluno se apropriou do gênero estudado, envolvendo, também, no caso de produção escrita, a reescrita, parte importante para que o aluno reflita sobre o seu texto produzido. Dessa forma, a produção final é o resultado do trabalho com a SD, seja ele positivo ou negativo e, sob a ótica de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), propicia ao aluno indicar os objetivos que foram atingidos, dando um controle sobre seu próprio processo de aprendizagem, controlar seu próprio comportamento de produtor de textos, durante a revisão e a reescrita e avaliar os progressos realizados no domínio trabalhado.

É importante ressaltar que as oficinas não têm um número exato para serem elaboradas, visto que tudo dependerá das necessidades de cada turma. Contudo, as atividades devem abranger compreensão e valorização da cultura escrita, leitura, produção textual e desenvolvimento da oralidade, a fim de que o aluno se aproprie ou, até mesmo, reconstrua a linguagem sócio-historicamente construída (HILA; NASCIMENTO, 2009).

A SD produzida é composta por seis oficinas, assim delimitadas:

- Oficina 1 – Reconhecimento do gênero tiras em quadrinhos, em comparação a outros gêneros próximos;
- Oficina 2 – Estudo da organização composicional do gênero;
- Oficina 3 – Estudo dos temas que se apresentam no gênero;
- Oficina 4 – Estudo do estilo linguístico próprio do gênero;
- Oficina 5 – Produção textual do gênero tira em quadrinho;
- Oficina 6 – Revisão e reescrita da produção textual efetivada.

5 A Construção Composicional das Tiras em Quadrinhos

Na seção teórica, expusemos que, de acordo com Bakhtin (2003), para que o trabalho com os gêneros discursivos seja efetivado, é preciso abordar as três características inerentes a eles: conteúdo temático, estilo de linguagem e organização composicional. Dessa forma, na SD produzida, abarcamos essas três peculiaridades com relação às tiras em quadrinhos, ao longo das oficinas, mais especificamente nas Oficinas 2, 3 e 4. Entretanto, apresentamos especificamente como o trabalho com a organização composicional desse gênero discursivo se deu em um dos módulos produzidos.

Para que ela fosse produzida, partimos dos objetivos de verificar e analisar como o gênero discursivo escolhido se estrutura, observando os aspectos abordados pela capacidade discursiva, delineada por Bronckart (2006). Assim, seguindo o modelo didático construído anteriormente à SD, tínhamos como base alguns elementos, os quais apareceram com mais frequência durante a análise de dez exemplares de tirinhas: a divisão de quadrinhos, os

balões de fala, o número de personagens e o discurso predominante que é o diálogo.

Ao construir a Oficina 2, expusemos, logo de início, uma breve conceituação sobre a tipologia textual narrativa, uma vez que as tiras em quadrinhos ali se enquadram:

A narração está vinculada a nossa vida, pois sempre temos algo a contar.

Narrar é relatar fatos e acontecimentos reais ou fictícios, vividos por indivíduos, envolvendo ação e movimento.

O relato de um episódio implica a interferência dos seguintes elementos:

fato – o quê?

ambiente – onde?

personagem – quem?

momento – quando?

(RODRIGUES, [s.d.])

Optamos por esse conceito inicial, pois, logo em seguida, apresentamos o conto “Alô?!” de Tatiana Raposo e uma tirinha da Turma da Mônica, a fim de que os exercícios posteriores tivessem o objetivo de comparar os dois gêneros do discurso, mas, também, relacioná-los quanto à mesma tipologia:

Texto 01

Alô?!

“Toca, telefone toca”

Mariana roía as unhas ao lado do telefone que não parava de tocar. Sim, mas nunca pra ela. Ou melhor, tinha vezes que era pra ela, mas não quem desejava que fosse.

“Carlos, por que você não me telefona?”

Tinha combinado de se falar logo que ele chegasse de Angra. “Umás nove e meia”, como havia dito. E já eram dez horas. Finalmente, mais uma vez, toca o telefone.

Mariana nem esperou o sinal tocar duas vezes. Aquela ansiedade fez com que atendesse ofegante.

— Alô?

— Mariana? Sabe quem está falando?

Sim, ela sabia quem estava do outro lado da linha. Era aquela fofoqueira, amiga da mãe, que falava pelos cotovelos.

— Oi, Dona Laís. Só um minuto. Já vou chamar a mamãe.

As duas ficaram horas no telefone. Por que essa mulher tinha que ligar logo agora?

Cada minuto parecia durar um século.

“Bem que o papai poderia instalar uma outra linha aqui em casa. De preferência, no meu quarto”.

A conversa das duas terminara, e Mariana voltou pra poltrona.

Dez e quarenta. Já estava ficando um pouco tarde e seria um abuso alguém ligar àquela hora. Menos Carlos...

“Coitado, o telefone estava tão ocupado que ele deve ter ficado horas tentando se comunicar comigo. Só tem um jeito de saber: ligando pra ele”.

“O quê?! Eu ligar pra ele? Ora, onde devo estar com a cabeça? Depois, o Carlos vai ficar pensando que eu tô correndo atrás, super apaixonada”...

“E não é isso o que eu tô, apaixonada?”

“Tenho que deixar de ser orgulhosa. Afinal de contas, se ele ligasse, eu ficaria super feliz e jamais iria imaginar que ele estava ‘correndo atrás’ de mim. Não será que já está meio tarde...?”

— O Carlos tá aí?

— É a Mariana? Olha, Mari, ele só volta na semana que vem. Quer deixar algum recado?

— Nem pra me avisar... Deixa. Depois a gente conversa. Brigadão.

(RAPOSO, [s.d.])

Texto 02



(SOUZA, 1999)

Nesse sentido, as atividades versavam desde o reconhecimento dos gêneros, até a relação e diferenciação entre eles, adentrando no modo como as tiras em quadrinhos se estruturam com relação à apresentação da linguagem verbal, isto é, como os personagens se comunicam por meio dos balões, diferentemente do conto estudado, em que as falas das personagens são representadas por travessões. Além disso, enfatizamos a linguagem visual das tirinhas, recurso que não aparece no outro gênero utilizado, uma vez que precisamos de nossa imaginação para visualizar a situação narrada:

- 1) *Que tipos de textos são esses?*
- 2) *Sabemos que os dois são considerados textos narrativos, sendo assim, qual é a diferença entre um e outro? Justifique sua resposta.*
- 3) *No texto 01, a autora nos relata um fato, utilizando apenas os artifícios que a escrita nos oferece. Já no texto 02, quais são os artifícios usados para que entendamos a história?*
- 4) *Como sabemos que a personagem Mariana do texto 01 está falando? E no texto 02, como os personagens se comunicam?*
- 5) *O conto usa de nossa imaginação para delinear os personagens. E as tirinhas, o que utiliza para os conhecermos?*

Ainda com relação à primeira sequência de atividades, elaboramos dois outros exercícios, que só tratavam das tiras em quadrinhos, já abordando aspectos de sua organização composicional, isto é, questionando sobre a sequência narrativa, que se dá por meio de quadrinhos dispostos horizontalmente visto que cada quadrinho, na maioria dos casos, contém um fragmento da ação e conduz, juntamente com os outros, a narração como um todo (RAMOS, 2009). Além disso, abarcamos a linguagem visual, a qual é de extrema importância, uma vez que está indissoluvelmente ligada aos outros elementos:

- 6) *Por que as tiras são divididas em quadrinhos?*
- 7) *Qual é a importância de podermos visualizar os personagens nas tiras em quadrinhos?*

Ao darmos continuidade à oficina, na parte denominada *Estruturando*, apresentamos uma tabela que contém os principais elementos da estrutura de uma tira em quadrinhos, sendo eles, a linguagem visual, o protagonista e as personagens secundárias, a linguagem verbal, os balões de fala, a legenda e a onomatopéia (RAMA et al., 2004). Nesse contexto, a atividade seguinte solicita ao aluno a observação da tira da Turma da Mônica, utilizada na elaboração da primeira sequência de exercícios, a fim de que ele retorne a ela e verifique quais aspectos abordados na tabela estão presentes:

⇒ Agora que você já sabe o que a estrutura das tiras em quadrinhos contém, volte a da Turma da Mônica e identifique quais desses elementos ela possui:

- () *linguagem visual.*
- () *personagens.*
- () *linguagem verbal.*
- () *balões de fala.*
- () *legenda.*
- () *onomatopéias.*

Outro ponto a ser tratado nessa oficina é o do balão de fala, muito comum nas tiras em quadrinhos, pois, “tudo o que fugir ao balão de fala adquire um sentido diferente e particular. O balão continua indicando a fala ou o pensamento do personagem, mas ganha outra conotação e expressividade.” (RAMOS, 2009, p. 36). Desse modo, cada efeito que o balão atribui à expressão dos personagens é percebido por meio das variações que o contorno do balão revela, uma vez que elas “formam um código de sentido próprio na linguagem dos quadrinhos.” (RAMOS, 2009, p. 36).

Ao constatarmos isso, apresentamos como sequência das atividades as figuras com os tipos de balões, os quais trazem consigo, além de seus contornos, a linguagem verbal. Com relação a isso, aproveitamos essas figuras para lançar um questionamento com relação à indissolubilidade dos elementos de uma tira em quadrinhos. Para tal, elaboramos uma atividade, em que o aluno teria que apresentar quais personagens estão se comunicando por meio dos diferentes tipos de balões expostos, ou seja, este exercício propõe que, com as tirinhas, não podemos separar linguagem verbal de visual, pois o sentido do texto só pode ser construído quando observamos todos os aspectos unidos em um todo:

Observe os tipos que se empregam em histórias em quadrinhos e apresente, abaixo de cada balão, qual personagem se comunicaria por meio de cada um deles:



Ainda com relação a isso, como um meio de complementar a atividade e os diferentes tipos de balões apresentados, elaboramos uma explicação que abarca a relevância desses recursos comunicativos, abordando, ainda, um pouco mais sobre a variação de seus contornos, uma vez que, posteriormente, isto precisa estar claro para que a produção textual, envolvendo as tirinhas, seja coerente e revele de modo satisfatório, a mensagem que o aluno quer transmitir:

Os balões são muito importantes em uma tirinha, pois são eles que mostram a linguagem verbal. Essa linguagem, por sua vez, transmite não só a fala, mas os sentimentos e, ainda, contribui para enfatizar as ações das personagens. Essa diversidade de funções dos balões é tida por meio de efeitos variados em seus contornos, o que, de certa forma, revelam um código próprio na linguagem dos quadrinhos, (RAMOS, 2009). Assim, esse código de sentido se originou dos diferentes tipos de balões estudados anteriormente. Contudo, sozinhos, os balões não

conseguem expressar a mensagem que uma tirinha quer transmitir, pois é preciso que a linguagem verbal esteja em perfeita harmonia com a visual.

Por fim, após abarcamos os elementos que compõem a estrutura das tiras em quadrinhos, propomos uma sequência de atividades que sintetizam tudo o que esse módulo apresenta. Assim, escolhemos uma tirinha do personagem Hagar, a qual apresenta aspectos como linguagem verbal e visual, balões e onomatopeia:

Observe a tirinha e responda:



(BROWNE, [s.d.])

- 1) *Onde podemos encontrar esse texto?*
- 2) *Quais dos aspectos abaixo você identifica nessa tirinha?*

<input type="checkbox"/> Linguagem visual	<input type="checkbox"/> Personagens
<input type="checkbox"/> Linguagem verbal	<input type="checkbox"/> Legenda
<input type="checkbox"/> Onomatopeia	<input type="checkbox"/> Balões
- 3) *Explique qual o efeito de sentido causado pela onomatopeia do último quadrinho?*
- 4) *Dos tipos de balões que você conheceu, quais estão presentes nessa tirinha?*

5) *Quem está falando no primeiro balão? Justifique sua resposta:*

6) *O que significa a fala do primeiro balão estar em negrito?*

7) *Explique o que o texto revela sobre o personagem Hagar?*

Rama et al. (2004) ainda apontam outros aspectos para trabalhar com a estrutura das tirinhas, como plano e ângulos de visão, figuras cinéticas e metáforas visuais, entretanto, não julgamos necessário os apresentarmos em nosso trabalho, uma vez que, para compreender, interpretar e, posteriormente, produzir uma tira em quadrinhos, os recursos estruturais que escolhemos são suficientes. Dessa maneira, somada a outras características, a organização composicional estabelece e complementa o sentido de um texto, já que abordar apenas a temática, ou o estilo de um gênero discursivo, não garante a sua apropriação pelo aluno.

Considerações Finais

O estudo da organização composicional das tiras em quadrinhos revela que, devido à grande confusão que se faz com relação às tipologias textuais, é preciso que o aluno compare dois textos que são da ordem do narrar: um conto e uma tira em quadrinhos, analisando que, enquanto gêneros distintos, eles apresentam peculiaridades inerentes a cada um. No caso das tirinhas, trabalhamos com a questão da utilização da linguagem visual, a qual complementa e ajuda a construir o sentido do texto. Ainda com relação a isso, é preciso propor exercícios que abordam as tirinhas como narrativas sequenciadas cronologicamente, por meio da divisão vertical dos quadrinhos, uma vez que cada um deles expõe um fato e uma ação da história.

Observamos também que, diferentemente dos outros gêneros discursivos que pertencem à ordem do narrar, a linguagem verbal é apresentada por meio de balões, os quais possuem diversos contornos e, assim, revelam as inúmeras formas de expressão de um personagem. Desse modo, verificamos que esses recursos

comunicativos estão atrelados à linguagem visual, visto que, se separados, nenhum dos dois dá conta de transmitir a mensagem do texto. Além disso, notamos que a sonoridade numa tirinha é representada por onomatopeias, que dão mais vida e ilustram, de certa forma, a ação e o movimento das personagens.

Por fim, com relação ao discurso que predomina na maioria das tirinhas, encontramos o diálogo representado pelos balões, uma vez que a tira em quadrinhos aborda, de maneira crítica, as mais diferentes situações que encontramos na vida. Dessa forma, apesar de personagens muitas vezes estereotipados, o diálogo, assim como toda a representação ocorrida nas tirinhas, revela o ser humano e suas potencialidades comunicativas.

Portanto, esperamos contribuir para com a compreensão da organização composicional de um gênero discursivo, mais especificamente, as tiras em quadrinhos, visto que esta peculiaridade é indissolúvel do tema e do estilo (BAKHTIN, 2003), os quais, normalmente, são as duas características mais abordadas em sala de aula, no que diz respeito aos gêneros discursivos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, V. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da ciração verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

BROWNE, Dik. **Hagar, o Horrível**. [s.d.]. Disponível em: <http://tiras-hagar.blogspot.com/2007_05_01_archive.html>. Acesso em: 20 jul. 2009.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

NASCIMENTO, Elvira Lopes; HILA, Cláudia Valéria Doná. **Práticas de sala de aula: as sequências didáticas como ferramentas de ensino**. 2009. Material de circulação interna no Grupo de Pesquisa Interação e Escrita (UEM/CNPq-www.escreita.uem.br), (mimeo.)

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro; BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RAPOSO, Tatiana. **Elas, Eles & Nós – Contos da adolescência**. [S.l.]: Corpo da Letra, [s.d.]. [fragmento]. Disponível em: <<http://www.dominiofeminino.com.br/man/contoadolesc.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2009.

RODRIGUES, Paulo Sérgio. **Narração**. [s.d.] Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/redacao/narracao.html>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

SOUZA, Maurício de. **Turma da Mônica**. Tirinhas. Bidu, n. 38. 1999. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.